

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS DO INTERIOR  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

ANOS DOURADOS DA RÁDIO BORBOREMA-DÉCADA DE  
CINQUENTA

José Araújo Lira

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1986

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

ANOS DOURADOS DA RÁDIO BORBOREMA-DÉCADA DE  
CINQUENTA

José Araújo Lira

Monografia apresentada a Banca  
Examinadora composta pelos pro-  
fessores JOSEMIR CAMILO (Orien-  
tador) MARTA LÚCIA RIBEIRO e  
JOSEFA GOMES DE ALMEIDA E SIL-  
VA, membros indicados pela co-  
missão coordenadora de traba-  
lhos monográficos do curso de  
História.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1986



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

"SER CULTO É A ÚNICA FORMA DE SER LIVRE"

- Poeta Cubano José Martí

D E D I C A T Ó R I A

Dedico este trabalho a todos aqueles que diretamente ou indiretamente me indicam o difícil processo de libertação:

- Família
- Professores
- Amigos
- O livro
- E aquelas pessoas com quem dialogo



## S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO .....	5
CAPÍTULO I - O RÁDIO .....	7
1. O RÁDIO COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO .....	7
2. BREVE VISÃO HISTÓRICA DO RÁDIO .....	12
CAPÍTULO II - O RÁDIO NO BRASIL .....	17
1. OS PRIMÓRDIOS .....	17
2. A RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. UM MARCO NA HISTÓRIA DO RÁDIO .....	20
CAPÍTULO III - MONOPÓLIO DA AUDÊNCIA NA PARAÍBA - O CASO DA RÁDIO BORBOREMA .....	26
1. ANTES DA BORBOREMA .....	26
2. RÁDIO BORBOREMA - DÉCADA DE 50 .....	30
- CONCLUSÃO .....	37
- BIBLIOGRAFIA .....	39
- ANEXOS .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

Dizem que "de poeta e louco, todos nós temos um pouco". Esse poeta de que fala o provérbio popular é a centelha do artista que nós carregamos no íntimo ou gostaríamos de carregar.

Preocupado em descobrir um tema para a monografia do Curso de História, preocupação que se justificava pelas limitações intelectuais a que sempre me políciei, falando com um professor com quem relembro com carinho a Rádio Borborema do passado, pois hoje tenho consciência da influência que recebi, notadamente na minha formação musical, ele me desafiou: "E por que você não faz seu trabalho tendo a Rádio Borborema como tema?".

O trabalho está feito. Não foi um "parto vulcânico", como Monteiro Lobato se referiu a "Os Sertões" de Euclides da Cunha, mas do seu nascimento houve momento em que duvidei.

O tema fascinava pelo envolvimento que tive com a Borborema como ouvinte e como assíduo frequentador do seu auditório, onde ficava enebriado com as apresentações dos seus cantores, músicos, locutores e radio-atores, como também pelos artistas de outros prefixos que aqui chegavam.

O "namoro" com aquele mundo da fantasia não terminava quando as cortinas se fechavam... Eu continuava em "oração" ao redor do microfone do palco, examinando e tocando-o,



convencendo-me de que era fácil pertencer ao "cast" da Z.Y.O.7

Portanto, há uma carga emocional e psicológica na escolha do tema que acredito não chegou a descaracterizar a proposta do trabalho, que se não foi rigorosamente dentro dos requisitos científicos, procurou em cima de uma carga de leitura e reflexão do passado, mostrar dados e ensaiar as vezes, mesmo palidamente, uma interpretação crítica dos fatos mostrados.

Sem seguir uma linha teórica exclusiva ou definida - o fôlego do autor é custíssimo - a definição de "Cultura" no início, aponta a predisposição de conduta durante o trabalho.

Utilizou-se também uma história comparativa, quando a Rádio Nacional foi tida como padrão para daí ser possível, sem transportar modelos e forçar situações para encaixá-los, uma avaliação da produção radiofônica da Borborema.

Portanto, reconheço a fragilidade do trabalho que não suportará uma crítica acadêmica feita com rigor, porém vibro pela oportunidade surgida para falar e escrever de uma época que se confunde com "os anos dourados" da minha vida - à juventude... e a centelha do artista voltou a piscar. ex

## CAPÍTULO I - O RÁDIO

### 1 - O RÁDIO COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO

O Pequeno Dicionário Filosófico de M. Rosental e P. Iudin no verbete cultural, registra em um dos parágrafos: "Em sentido mais restrito, compreende-se sob o termo de cultura o conjunto de formas da vida espiritual da sociedade que nascem e se desenvolvem sobre a base do modo de produção dos bens materiais historicamente determinado. Assim entende-se por cultura o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, arte, filosofia, moral, etc e instituições correspondentes. Entre os índices mais importantes do nível cultural em determinada etapa histórica, é preciso destacar o grau de utilização dos aperfeiçoamentos técnicos e das descobertas científicas na produção social, o nível de difusão da instrução, literatura e das artes entre a população". (1)

Sem querer polemizar sobre o conceito teórico de Modo de Produção pois este trabalho não aspira a tanto, e sim enfocar a Radiodifusão, transmissão de sons no espaço, será aceito o conceito de cultura acima exposto e, por conseguinte, o rádio como um elemento ativo dessa produção material e espiritual. Essa produção material refere-se ao instrumento tecnológico que vai desde os microfones aos possantes e sofisticados transistorizados. No campo da produção espiritual enquadrar-se o trabalho intelectual e artístico de uma gama de valores que fazem o Rádio a ter momentos de pura manifestação do



belo e da arte: uma crônica de Carlos Drumont de Andrade ou de Cecília Meirelles, interpretada ao microfone pelo ator Paulo Autran traz componentes estéticos que, na certa, sensibilizarão ao público ouvinte.

O Rádio é por excelência o reino da expressão oral. A voz é seu principal personagem. É mítico na medida em que deixa o ouvinte livre para imaginar o fantasioso, que estará mais próximo ao poder de imaginação ou abstração de quem recebe a mensagem ou mesmo de quem a produz.

Em 1940, nos Estados Unidos, Orson Wells, usando dessa magia, assombrou parte de um público que não acompanhara desde o início a peça a radiofônica baseada no livro (H.) G. Well sobre a invasão de marcianos a terra.

Porém, o rádio não se presta somente a esse tipo de entretenimento. Do lúdico, a mensagem radiofônica poderá passar a informativa ou formativa.

Sérgio Caparelli, estudioso da comunicação de massa, fala a respeito do fascínio que o rádio exercia sobre o teatrólogo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956). Brecht mostrava a função que o rádio poderia exercer entre governantes e governados, como canal de duas vias entre esses e aqueles: "É preciso que o rádio represente o grande discurso dos governados sobre os atos dos governantes. Os problemas da comunidade, os debates sobre o preço do pão ou da carne seriam parte das mensagens a serem enviadas pelos que hoje são apenas ouvintes". (2) Ele, Brecht, apregoava o fim do monopólio da emissão.



O ouvinte não ficaria passivo e através de outro meio de comunicação, o telefone, faria suas colocações de aplauso ou censura às mensagens transmitidas, principalmente quando o emissor fosse o Estado. Presentemente, mesmo o rádio dividindo espaço com outros meios de comunicação - a televisão, por exemplo, - a mensagem do pensador alemão se concretiza portanto no rádio - jornalismo há uma participação salutar do ouvinte.

Uma questão que perpassa pelo estudo presente é quanto ao papel que o Rádio - ou outro elemento de comunicação - desempenha no plano ideológico, ou seja, como instrumento de reprodução do sistema, neste caso, do sistema capitalista.

Ora, ninguém, mesmo com limitado nível teórico acerca da História da Humanidade ou da luta das classes sociais pelo poder, duvida de que as instituições de um sistema tendem a reproduzir esse sistema social na medida em que lhe são segmentos legitimadores.

Pergunta-se, também: Como se explicar as transformações sociais que a História registra?

Carlos Eduardo Lins da Silva em seu livro "Muito além do Jardim Botânico", um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo serve-se do conceito de "Indústria Cultural" expressão usada pela Escola de Frankfurt". Carlos Eduardo trabalha o conceito sem o tom pejorativo dos alemães. Para ele, como há uma indústria no terreno da produ-

ção material, no campo da produção artística cultural também há um indústria: a "Indústria Cultural". Por consequência, se naquele campo há contradições entre os elementos formadores do sistema produtivo, com interesses antagônicos, na "Indústria Cultural" as contradições também estão presentes. "No interior da indústria cultural há a presença permanente de contradições. Ali ocorre uma luta de classe que reflete e influencia a sociedade como um todo.

Em todo o decorrer do processo da indústria cultural, da produção ao consumo, essas contradições aparecerão. No momento da criação de um telejornal, o confronto se dá entre os interesses dos donos da empresa e os de seus funcionários e não se traduz apenas em reivindicações salariais e de condições de trabalho, mas também em termos de conteúdo ideológico do que irá ao ar. No momento da recepção, o confronto volta a ocorrer e se dá através das diferentes interpretações e reelaborações que cada segmento social dará ao que vir e ouvir". (3)

Portanto, é uma falácia apregoar sem um estudo sistemático que os meios de comunicação - no caso o Rádio - seriam simples correias azeitadas passando uma ideologia de classe sem atropelos quer no momento da produção, quer no instante do consumo.

A prova de que a luta de classe também se dá no âmbito das empresas ligadas ao setor cultural materializou-se com a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. A Rádio Nacional,



um padrão de rádio que empolgou nos anos dourados de 40 e 50 foi golpeada pelo arbítrio em 1964, quando os seus produtores e artistas se negaram a corroborar com uma proposta de programação não coerente com os ideais daqueles profissionais. O próprio Dias Gomes questionado quanto a sua ideologia por ser um intelectual ligado ao cinema respondeu que "se há incoerência é do sistema que me aceita como sou, com minha visão de mundo". E Wladimir Hersogi quando foi trucidado era colaborador da Revista Visão, bastião empedido da iniciativa privada.

Enfim, a mensagem radiofônica alcança as grandes massas, do letrado ao analfabeto. No início considerada de qualidade inferior à mensagem escrita - a imprensa. Porém os preconceitos caíram e hoje a "Aldeia Global" de que fala Meluham<sup>(4)</sup> tem no rádio um elemento vivo onde as ondas sonoras que são emitidas pelas emissões internacionais da BBC de Londres, da Voz da América, dos Estados Unidos ou da Rádio Central de Moscou da União Soviética atestam a assertiva do "papa" da comunicação.

## 2 - BREVE VISÃO HISTÓRICA DO RÁDIO

Não houve propriamente uma "descoberta"<sup>(5)</sup> ou "invenção" da radiodifusão, houve sim, um desdobramento de conquistas técnico-científicas no campo da física, nos estudos dos campos elétricos e magnéticos e afins.

As necessidades de expansão do capitalismo no século XIX a procura de mercados incentivaram a que cientistas concentrassem suas pesquisas na bases de respostas que fortalecessem o sistema.

No terreno das comunicações à distância, em 1837, Samuel Morse nos Estados Unidos, construiu um aparelho que usando o código Morse, ficou sendo conhecido como o telégrafo. Em 1876, Graham Bell, cientista e educador norte-americano, conseguiu a transmissão inteligível da voz humana: o telefone.

Coube ao físico e inventor italiano Guglielmo Marconi, ganhador do prêmio Nobel de Física de 1909, a transmissão em 1896 de mensagem através do telégrafo sem fio, utilizando ondas de rádio, cuja patente registrada lhe outorgou o título de "Pai" do Rádio. Um detalhe significativo é que nessa época Marconi representava interesses de grupos ingleses e não italianos.

Somente depois da segunda guerra mundial é que foram criadas emissoras de radiodifusão. Em 1919 inaugura-se uma emissora em Rotterdam na Holanda. Em 02.11.1920 a Esta-



ção KDKA de Pittsburgh nos Estados Unidos foi ao ar, transmitindo notícias sobre a eleição do Presidente G. Harding.

A partir daí as empresas norte-americanas como a Westinghouse proprietário da KDKA - a ATIT e G.E assumem o monopólio das comunicações, quer no campo das transmissões com o instrumental técnico para as emissões, como também para a recepção com fabrico dos rádios receptores em massa, consolidando o início de uma produção industrial que iria ter influência no campo cultural dos povos.

Por essa época essas empresas em regime de corporação, fundam a R.C.A.

Como a radiodifusão foi um evento que em pouco tempo, estava ao alcance de vários países e para se evitar uma guerra no "ETER" com seu uso irracional, os governos se organizaram em simpósio e conferências e estabeleceram tratados e normas internacionais que disciplinam e orientam as transmissões radiofônicas.

Portanto, o início da década dos anos 20 marca o surgimento da radiodifusão em vários países, como a Alemanha, Argentina, Austria, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Itália, Japão, Noruega, Suíça, Tchecoslováquia e U.R.S.S. .

Quanto ao caráter da forma de exploração do rádio, cada país conforme o andamento histórico do seu desenvolvimento, adota sistemas sempre em sintonia com as propostas



pôliticas preponderantes em cada um.

Enquanto nos Estados Unidos - preponderou um rádio ligado a empresas ou grupos privados - é o típico rádio comercial - na União Soviética, o rádio foi um instrumento do Estado usado ideologicamente para defender os princípios revolucionários de 1917.

A radiodifusão apresentou algumas fases que podem ser estruturadas da seguinte forma.

Primeira-transmissão interna para o país.

Segunda-transmissão de uma metrópole para as colônias.

Terceira-transmissão de um país para os seus cidadãos residentes noutros países.

Quarta-transmissão de um país para cidadãos de outros países.

A primeira fase pode ser coberta por transmissões de rádio em ondas longas - pequenas distâncias. Ao passo que as grandes distâncias até intercontinentais são cobertas pelas transmissões de ondas curtas.

As transmissões internacionais sempre foram usadas pelos países desenvolvidos. A U.R.S.S. em 1930 tinha a primazia nesse tipo de transmissão, falando para o mundo em 50 línguas e dialetos. Os serviços da B.B.C de Londres, transmitindo em vários idiomas, teve início em 1938 e duran

te a guerra mundial essa emissora foi um ponto de orientação para os povos. A senha para o desembarque dos aliados na Normandia foi um poema lido aos seus microfones.

A B.B.C. (British Broadcasting Corporation) tem o monopólio da radiodifusão, é fiscalizada pelo parlamento, tem autonomia e sua receita advem de taxas cobradas pelos aparelhos receptores (ouvintes). Outra particularidade é que não admite propaganda comercial.

Eis um resumo do Rádio nos seus primeiros momentos históricos. Assim com o rádio, como instrumento de comunicação, o telégrafo, o telefone e hoje a televisão são conquistas da humanidade que se integram e se eternizam como fruto da mente humana, respondendo aos desafios que a história se lhe apresenta.



N O T A S

- (1) ROSENTAL M. e P. Iudim - Pequeno Dicionário Filosófico. Tradução de Guarani Galho e Rudy Margherito. Livraria Exposição do Livro.
- (2) CAPARELLI, Sérgio. Comunicação de Massa sem Massa 3ª edição - São Paulo - Summus, 1986. pg 75
- (3) SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Muito Além do Jardim Botânico - São Paulo - Summus - 1985 pag. 21
- (4) MCLUHAN, Mashall - Os Meios de Comunicação - Como Extensões do Homem - Editora Cultrix - São Paulo - Traduzido do Inglês por Décio Pignslabi.
- (5) Enciclópédia Mirador Internacional - volume 17. pgs. 9581/9593.

## CAPÍTULO II - O RÁDIO NO BRASIL

### 1 - OS PRIMÓRDIOS

Para quem se destina ao estudo da História do Rádio no Brasil há de início que se desvencilhar do problema quanto ao pioneirismo brasileiro. Há duas correntes que reivindicam para si a façanha de ter organizado e fundado a primeira emissora de rediofusão.

A controvérsia radiodifusão existe entre estudiosos no assunto que apontam a Rádio Clube de Pernambuco como a pioneira e outros (maioria) que enfocam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Conforme Antônio Camelo, em trabalho divulgado pelo Diário de Pernambuco, "O Rádio Brasileiro nasceu no Recife a 6 de abril de 1919, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco. Foi essa a primeira sociedade de rádio a existir no país Sociedade civil, legalmente organizada, com estatutos sociais aprovados e publicados, e que, evoluindo normalmente na década de 30 para sociedade anônima, nunca interrompeu suas atividades, desde aquele dia da fundação até hoje" (1)

Por outro lado Maria Elvira Bonavita Federico, depois de falar sobre as primeiras experiências na transmissão radiofônica, com uma estação de 500 Waits da firma norte-americana Westinghouse por ocasião das comemorações do centenário da independência 1922 no Rio de Janeiro; acrescenta: "Após



muitos esforços e instâncias junto aos órgãos públicos e ao governo, conseguiram fundar a primeira estação Rádio Difusora no Brasil no dia 20 de abril de 1923, e seus objetivos traduzidos no "slogan": - Trabalhar pela Cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil". (2)

O lema acima citado se refere aos propósitos de Edgar Roquete Pinto, um dos fundadores da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, cujo slogan ainda hoje, sua sucessora Rádio Ministério da Educação e Cultura repete como seu prefixo.

Quanto a verdade histórica para definir quem realmente detém o privilégio do pioneirismo somente depois de uma intensiva pesquisa documental e bibliográfica, sem preconceitos e bairrismo. Mesmo assim, o historiador consciencioso deve trabalhar não com o intuito de apontar um lado vencedor, mas concatenar os fatos históricos para que eles se tornem transparentes, permitindo que o real aflore à superfície.

Uma advertência oportuna e necessária é quanto ao tipo de rádio produzido naquela época, das primeiras transmissões até 1925. Seria ingenuidade fazer comparações com o Rádio vivenciado dos anos 40 e 50 ou mesmo dos anos 30 quando começa a profissionalização e o rádio se tornou definitivamente um divulgador dos produtos para um público consumista que atendia ao apelo propagandístico.

O que havia no início eram sociedades de rádio -amadores, daí a denominação de "Rádio Sociedade" ou "Rádio Clube como muitas emissoras, foram batizadas, onde esses "manía



cos" pela radiofonia, frazeirosamente faziam investimentos financeiros voltuosos, pois a aparelhagem de transmissão, como de recepção era importada. Mesmo os receptores de galena fabricados na terra estavam fora do alcance dos assalariados. As transmissões precárias em matéria de fidelidade do som.

Além das contribuições à sociedade, a propriedade de um aparelho receptor demandava de uma autorização feita aos departamento Correios e Telegráfos, órgão que controlava o sistema de Radiodifusão e essa petição era feita mediante o pagamento de taxas.

Roquete Pinto tinha para as ondas misteriosas do Rádio um futuro ligado ao conhecimento e as artes.

O cientista Einsteins em visita à emissora do antropólogo brasileiro, disse que "Na cultura levada pel radiodifusão, desde que sejam pessoas judiciosas as que se encarregam das divulgações, quem ouve recebe, além de uma escolha judiciousa, opiniões pessoais e comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão: esta é a grande obra da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro". (3)

Esse otimismo de Roquete Pinto, para o historiador Nelson Werneck Sodré, durou pouco. "No Brasil, a expectativa era otimista de início; e foi à base desse otimismo que Roquete Pinto sonhou em fazer do rádio o instrumento providencial de cultura que com sua penetração, permitiria, a curto prazo, reduzir o analfabetismo aqui. Não demorou para se desiludir. O Rádio passou logo a ser explorado, no regime de desor

denada e até anárquica concessão de canais, sob critérios comerciais; a disputa das concessões se estabeleceu no plano político e foram distribuídos sem outro critério. A cultura, no problema, esteve absolutamente ausente". (4)

Assim foi o Rádio brasileiro nos seus primórdios até que em 12.09.36, há 50 anos atrás surgiu a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, divisor de águas na história da nossa radiofonia.

## 2 - A RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. UM MARCO NA HISTÓRIA DO RÁDIO

No Brasil, em 1955, existiam 477 emissoras radiofônicas e na Praça Mauá no Rio de Janeiro no Edifício de "A Noite" ocupando seis pavimentos dos seus 22 andares, a emissora padrão - P.R.E. 8 - Rádio Nacional emitia os sinais de um rádio que hoje é tema de monografias - "Rádio Nacional: O Brasil em sintonia" ou teses de mestrado como "Por trás das Ondas da Rádio Nacional", da dupla Luiz Saroldi - Sônia Virgínia Moreira e Miriam Goldfeder, respectivamente.

O crítico Sérgio Augusto, reconhecendo a importância desse evento, disse: "É preciso que se diga que desde a revolução de 30 - a Rádio Nacional foi o canal exclusivo de informação e formação cultural do povo brasileiro, fazendo deste vasto paraíso tropical, a primeira grande aldeia global dos tempos modernos". (5)



Há meio século atrás nascia a Rádio Nacional precisamente no dia 12 de setembro de 1936 - um sábado. " " A nova emissora que, havia alguns dias, vinha funcionando em experiência, acabou de retransmitir a Hora do Brasil logo depois , a voz do locutor Celso Guimarães: "Alô! Alô! Brasil! Aqui fala a Rádio Nacional do Rio de Janeiro". (6)

A nova emissora de propriedade da Empresa A "Noite" - jornal e revistas, só passaria à tutela do governo federal em 1940 quando passou a fazer das empresas incorporadas ao patriotismo Nacional.

Getúlio Vargas, no poder, manipulava a emissora conforme os seus interesses, através de pronunciamentos aproveitando o prestígio que a mesma já desfrutava, pelo nível artístico dos programas, como também pelos possantes transmissores que mantinham o país em sintonia.

Porém essa relação de governo/emissora não se dava em detrimento do padrão de perfeição que a P.R.E 8 perseguia desde sua fundação.

Em depoimento à dupla Luiz Carlos e Sônia Virgínia, o maestro Radamés Genattali, que acompanhara a Nacional desde os primeiros passos, ao deixá-la nos anos 60 resumiu: "Era uma coisa do governo mas feita por um sujeito que entendia do assunto e que sabia o que queria, Gilberto de Andrade. Depois veio o Vitor Costa, que seguiu a mesma orientação". (7)

O universo de pessoas que girava em torno da emissora - redatores, cantores, radiadores, técnicos, locutores, zeladores, músicos, médicos, dentistas, segurança, contadores, administradores, era em torno de 700, em 1956.

Sua autonomia financeira, cujos recursos advinham dos patrocinadores lhe dava uma independência para contratar somente aqueles valores que realmente apresentasse condições de acompanhar o ritmo de uma programação selecionada, principalmente quando o candidato se apresentava para fazer parte da seleção de artistas.

Na década de 50 a emissora tinha o seguinte organograma, com 08 Divisões gravitando em torno da direção geral.

#### Direção Geral

- Divisão de Radioteatro - Divisão Musical.
- Divisão de Programação - Divisão Radiojornalismo.
- Divisão de Secretaria e Contencioso - Divisão Administrativa.
- Divisão Técnica - Divisão de Publicidade.

Com essa estrutura artística-administrativa e uma receita em 1955 de Cr\$ 87.600.000,00 (moeda da época) enquanto outras empresas ligadas ao governo serviam como "gabinetes de empregos" sendo subsidiadas. A Nacional, "incomodava" ao setor privado do ramo de comunicação notadamente ao Senhor Assis Chateaubrind que via na estação da Praça Mauá o seu "calcanhar-de-aquiles".



Foi a Nacional quem primeiro transmitiu - em 1941 a novela radiofônica - Em busca da Felicidade, com duração de 2 anos.

Essa nova forma de entretenimento veio ao encontro de um público, que por condições materiais ou culturais, não tinha acesso à linguagem do teatro ou do cinema. Em casa, na sala de visita a família se reunia em redor de um aparelho receptor para fazer sua catarse.

Quanto ao Radiojornalismo a Nação acertava o relógio pelo Repórter Esso, com o locutor Heron Domingues, cujo estilo ainda tem seguidores.

A música popular brasileira teve nas ondas da Nacional o elo que ligou o Brasil de Norte ao Sul, da música caipira ao samba, do frevo ao baião.

Foi no Auditório da Nacional que Luiz Gonzaga mostrou ao Brasil a beleza da nossa música regional.

Ainda quanto à preocupação de que - organismos formadores de opinião pública tutelam uma massa passiva sem vontade própria, como birutas que seguem a direção dos ventos, Miriam Goldfeder questiona em parte essas colocações, afirmando com respeito à relação produção/consumo.

"Pretendemos desta forma, explicar as razões que fizeram da Nacional do Rio de Janeiro, na década de 50 um fenômeno marcante da radiofonia brasileira. Mais ainda, como sua proposta se tornou obrigatoriamente permeável a penetração de



fatores que rompiam de uma certa forma com as imposições de uma prática cultural massificadora, permitindo a incorporação de manifestações a nível da produção e do consumo que significaram uma abertura em próprio discurso". (8)

A audiência da Nacional está explicada nos 8 milhões de cartas que recebeu dos ouvintes de 1945 a 1955.

N O T A S

- (1) CAMELO, Antônio - Diário de Pernambuco - Caderno Especial Sobre os 65 anos da Rádio Clube de Pernambuco - Atuando desde 1919, a Rádio Clube de Pernambuco é pioneira no Brasil - pag. 2/4
- (2) FREDERICO, Maria Elvira Bonavita - História da Comunicação - Rádio e TV no Brasil - Petrópolis - Vozes, 1982.
- (3) Enciclopédia Mirador Internacional - Volume 17 Pgs. 9581/9593.
- (4) SODRÉ, Nelson Werneck - Síntese de História da Cultura Brasileira - São Paulo - DIFEL 11ª Edição, 1983.
- (5) LUIZ, Carlos Saraldi, Sonia Virgínia Moreira - Rádio Nacional. O Brasil em Sintonia - pag. 91.
- (6) Revista "Rádio Nacional: 20 anos de liderança a serviço do Brasil", Rio de Janeiro, Rádio Nacional, 1956.
- (7) Idem, ibidem pag.
- (8) GOLDFEDER, Miriam - Por trás das Ondas da Rádio Nacional - Rio de Janeiro - Paz e Terra, 1980.



### CAPÍTULO III - MONOPÓLIO DA AUDIÊNCIA NA PARAÍBA

#### O CASO DA RÁDIO BORBOREMA ANOS 50

##### 1 - ANTES DA BORBOREMA

Em 1937, Campina Grande conheceu seu primeiro veículo de comunicação de massa. Foi um serviço de Alto Falante de propriedade do Sr. Jovelino Farias, o Gaúcho, instalado na Rua Marquês do Herval. Em depoimento ao autor e a Gabmar Cavalcante, Gaúcho fala que "a sociedade campinense da época adquiriu o hábito de sair de casa à noite para o passeio em frente a sua "emissora" onde eram produzidos momentos de arte com transmissão de música, instantes literários e até um programa com músicas árabes".

O mesmo senhor fala também que instalou pequena emissora de Rádio em 1942, por ocasião de uma feira de amostras na cidade, localizada nas imediações do prédio da Recebedoria de Rendas, sendo a mesma desativada logo após o fechamento da feira.

Outro serviço de Alto-falantes que marcou época nos anos 40 foi a Voz de Campina Grande, instalada no Edifício Esial, na Praça da Bandeira, pertencente ao Sr. José Jataí, que, em 1949, iria fundar a Rádio Cariri.

A "Voz de Campina Grande" melhor estruturada do que a concorrente, monopolizou o espaço da comunicação e a Praça da Bandeira passou a ser o ponto de encontro das pessoas



onde se enteiravam das notícias e novidades musicais transmitidas pelas "cornetas" da "emissora". A potência da "Voz" também alcançava as Ruas João Pessoa e Maciel Pinheiro e o Mercado Central com instalações de possantes "bocas".

Uma indagação surge pertinente ao poderio do comércio e indústria campinense. Por que razão aquela época - quando a cidade se orgulhava de ser o grande centro arrecadador de impostos do Estado - quando a capital já possuía a Rádio Tabajara que nascera em 1937, atrelada à candidatura de José Américo a presidente da República, - por que motivo Campina Grande utilizava ainda os provincianos métodos de comunicação através de serviços de Alto-falantes?

Será que os interesses da "burguesia" Campinense estavam demarcados pelo alcance do raio de ação daquelas "cornetas"?

Se o Rádio for tomado como elemento cultural que atesta o nível de desenvolvimento de uma sociedade, somente a partir de 1950 pode-se dizer que houve mudanças qualitativas, ensejando novas posturas de comportamento social.

Há um acontecimento histórico que mostra a preocupação de grupos da terra ou de fora - em criar estações radiofônicas. Josué Silvestre registra que "Fatos administrativos que teriam grande repercussões posteriormente na vida da cidade e em particular na mobilização política da comunidade, tiveram origem no último trimestre de 1946. No dia 23 de outubro era concedida autorização federal através de decreto, pa

ra a instalação da Rádio Cariri e em 17 de dezembro, outras ordem federal autorizava a implantação da Rádio Borborema<sup>(1)</sup>

O fato é que somente 3 anos depois dessa autorização é que foram inauguradas a Cariri e a Borborema.

Em 1947 quando o Dr. Sabiniano Maia, nomeado prefeito - o último da série de interventores, resquícios do Estado Novo, tomou posse, encontrou uma cidade com 70 mil habitantes ainda com problemas de energia elétrica e uma vida intelectual aquém de centros mais adiantados, como João Pessoa

Dr. Sabiniano enfatiza que "Não dispunhamos de imprensa diária, apenas o semanário: O Rebate, de Luiz Gil e Pedro Aragão. Não conhecíamos estações de Rádio e as imagens da televisão nos eram desconhecidas. Não funcionava nenhum curso Colegial, muito menos escolas superiores, e, sobre Universidade, só em sonho poderíamos imaginá-la."<sup>(2)</sup>

Foi nesse clima cultural que 2 anos depois no dia 13.05.49 foi ao ar a Rádio Cariri de Campina Grande - P.R.F. 5. Seu proprietário o Sr. José Jataí - é considerado sem contestação o pioneiro da radiofonia campinense. Fatos estranhos que merecem uma pesquisa para esclarecimentos futuros aconteceram próximo à data marcada para sua inauguração: "Forças ocultas" tentaram obstacular a vida da emissora pioneira.

A Cariri era uma estação com limitações financeira. Funcionou de início no Bairro de Bodocongó, sendo transferi



da depois para a Rua João Pessoa, no Edifício Pernambucano. As dificuldades financeiras do proprietário levaram sua venda ao Senador Epitácio Pessoa Cavalcante.(Epitacinho)

Por esse tempo os ouvintes de rádio passaram a sintonizar uma emissora em fase de experiência que viria na década de 50 a produzir um rádio, guardadas as proporções, estava à altura do que melhor se produzia no país, excetuando-se o eixo Rio-São Paulo, que por razões óbvias era o centro político, econômico e cultural do Brasil: nascia a Rádio Borborema Z.Y.O.7.

## 2 - RÁDIO BORBOREMA

### DÉCADA DE 50

Aos oito de dezembro de 1949, na presença de convidados especiais às 10 horas da manhã, Assis Chateaubriand inaugurava a Rádio Borborema. A partir daquele instante a Emissora, cujos estúdios funcionavam no Edifício São Luis, na Rua Cardoso Vieira, passava a fazer parte do cotidiano campinense, a influenciar o meio político cultural, a divulgar a imagem de Campina Grande além dos limites territoriais.

A Emissora nascia do momento década de 50 em que o rádio atingia o climax como popular instrumento de comunicação. A televisão engatinhava e somente na década de 60 sua hegemonia seria abalada pelo nascente veículo da imagem e do som.

Para as pessoas que não viveram àquela época e duvidam do poder de envolvimento do rádio, necessário, se faz um estado de abstração e imaginar um espaço de entretenimento e informativo sem a presença do "tubo de imagem". O aparelho receptor - o rádio - ficava na sala em lugar de honra e as pessoas lhe rendiam as homenagens, com os ouvidos atentos a tudo quanto saía da caixa sonora.

A Rádio Borborema fazia parte de uma cadeia de Diários e Emissoras Associados - jornais, revistas, Rádio e Televisão, cujo personagem principal era o jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, um paraibano nascido na cidade de



Umbuzeiro em 1891, que ao comprar em 1924 o primeiro jornal, - O Jornal do Rio de Janeiro - declarou que ali nascia o maior império de comunicação da América Latina. Suas palavras se cumpriram pois ao falecer em São Paulo em 1968 seu "império" era composto de 34 jornais, 36 estações de Rádio, 18 emissoras de televisão (Rede Tupi), uma editora, uma revista - O "Cruzeiro" - e ainda interesses em laboratório farmacêuticos (GELOL) e fazendas. No campo político foi senador pelo Maranhão (1955) e nomeado embaixador do Brasil na Inglaterra (1958/60), no governo Kubitschek. Como homem de letras foi membro da Academia Brasileira de Letras e ligado à criação de Museus de Artes.

Qual o segredo desse obstinado homem de comunicação?

David Nasser, seu colaborador mais próximo lhe define o perfil: Chateaubriand adotava atitudes pouco recomendáveis, que hoje não seriam possível em termos das vantagens pessoais de um homem a exercer pressões políticas sobre presidentes, ministros e governadores, como ele fazia. Ele não pensava em fazer patrimônio, via a herança como uma instituição burguesa. Pensava em devolver à comunidade parte do saque que fazia aos ricos. Não deixava de ser uma extorsão a cujo destino dava uma certa conotação de Nobreza". (3)

O próprio Chateaubriand, assim se define: " O nosso imperialismo que existe e que é verdadeiro, é um espantalho para tudo quanto é governo no Brasil... Mas devo dizer



a vocês que 90 por cento do meu tempo, eu so utilizei de 1925 até agora para defender o direito de viver dos Rádios e Diários Associados... de pecuinhas em torno do Dr. Kubitschek, um homem que eu fiz... Sô havia tempo de andar, portanto, com uma garrucha no bolso, o bacamarte e um pouco de formecida Tatu para dar aos inimigos... Se eu contasse a vida dos Diários Associados, eu tinha primeiro que mandar Satanás baixar à terra e ver o número de alianças que tinha feito com ele..." (4)

O objetivo desse trabalho não é fazer apologia oportunista, nem denegrir o passado de instituições ou pessoas. O talento e o mérito daqueles que fizeram a Rádio Borborema, principalmente os artistas, não desaparecem se críticas ou questionamentos são feitos à filosofia do trabalho que orientava o grupo associado. Essa filosofia de poder, aliás é o apanágio intrínseco de um sistema político econômico com interesses de grupos e não da comunidade.

O ator Mário Lago conta que é notória a pressão que Chateaubriand exercia contra Juscelino para que este não concedesse autorização a Rádio Nacional para ela explorar um canal de televisão. Na conversa entre os dois, Chateaubriand teria dito ao presidente: "Se Vossa Excelência der o canal de televisão à Nacional, jogo toda minha Rede de Rádio, imprensa e televisão contra seu governo". (5)

É claro que a Borborema por ser uma emissora associada a essa situação, lhe favoreceu o desempenho como uma estação poderosa para a região, pois nenhum grupo isolado nativo



teria condições de "bancar" um empreendimento daquela envergadura, teria que seguir no geral as recomendações emanadas do centro administrativo, corporificadas na pessoa ambiciosa de Assis Chateaubriand, cujo epíteto seria recebido por ele como um elogio e nunca como censura.

O grande perigo de quem analisa ou narra fatos passados, notadamente quando se foi personagem neles é projetar na memória esses fatos distorcidos da realidade, as vezes com grande carga emotiva.

O autor quando fala da Rádio Borborema dos anos 50 tem o cuidado de não comprometer a realidade que houve com um saudosismo que poderá existir apenas em sua memória afetiva.

Outra emissora que foi inaugurada em 1950 foi a Rádio Caturité, instalada pela BAYTON, empresa de aparelhos eletrônicos. O interesse da BAYTON em criar essa emissora foi o de promover a campanha do Ministro Pereira Lira ao Senado. Terminada a campanha, em seguida a emissora foi vendida ao dep. Draud Ernâni.

Que tipo de programação, qual o material humano e técnico que a Borborema usou para enfrentar as duas concorrentes, a Cariri e a Caturité?

Com a experiência que já tinha, o grupo associado montou uma emissora possante, inclusive com ondas curtas, sendo registrada a sintonia no exterior. De Fortaleza, veio o teatrologo e radialista Fernando Silveira que foi a espinha



dorsal" responsável pelo setor artístico, que compreendia o radioteatro e área de música, com orquestra, conjunto regional e cantores.

Pertencer aos quadros da Borborema era o "sonho" de quem fazia rádio naquela época. Qualquer valor que se destacava noutros prefixos era logo contratado pela Z.Y.0.7. Havia testes para locutores, cantores e rádio-atores.

Sua programação abrangia os espaços do musical do humorismo, do Rádio-jornalismo, do Rádio-teatro (novelas), esportes (futebol).

O programa a "Voz dos Municípios", uma criação de Felix Araújo, e depois apresentado por Epitácio Soares, com correspondentes em vários municípios do Estado e noutras regiões, reforça a tese de que a Borborema tinha a hegemonia da audiência.

O caráter geral da programação, pode-se dizer, era voltado para a realidade da terra. O próprio Fernando Silveira reconhece isso quando confessa: "Pretendendo fazer um rádio cultural, mas não divorciado das raízes do povo campinense, fui buscar em seu rico folclore e em suas tradições orais e mesmo históricas, fonte para a maioria dos programas irradiados pela emissora, como Aquaralão do Sertão, Festa da Rocha, Retalhos do Sertão e outros". (6)

Infelizmente, pouco restou como fonte documental dos programas levados ao ar, a não ser os arquivos de alguns



abnegados que guardam como relíquia programas montados por ocasião das festas de aniversário da emissora.

Entretanto, os depoimentos de pessoas que viveram aquela época de ouro indicam que o conteúdo do rádio produzido era de primeira linha. O Sr. José Moysés, médico campinense que fez parte do elenco da emissora, como rádio-ator escreveu ultimamente uma série de artigos no Diário da Borborema, onde relata fatos que dão uma visão da importância da Rádio Borborema nos anos 50.

Seu palco-auditório foi um veículo de arte, onde valores de casa ou de fora até internacionais - contribuíram para a formação cultural de uma geração, cujo veículo disponível e democrático naquele momento, era o Rádio.

Finalmente, a prova incontestável do êxito da emissora foi a sua autonomia financeira, com uma receita que lhe dava alívio para auxiliar outros órgãos associados que porventura fossem deficitários. A Borborema, como se dizia, era uma emissora "mãe".

Se a "burguesia" campinense não tivera condições de assumir a paternidade para instalar aquele complexo de comunicação, entretanto, tivera condições de assegurar o seu funcionamento, como resposta ao desafio que Chateaubriand lhe fizera.

N O T A S

- (1) SILVESTE, Josué - Lutas de Vida e de Morte pag. 46.
- (2) SILVESTE, Josué - pags. 57/58
- (3) MESQUITA, Humberto - Tupi: A greve da fome Pgs 18/21
- (4) Idem ibidem, pags 18/21
- (5) LAGO, Mário - Na Rolança do Tempo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, Pag. 226
- (6) SILVEIRA, Fernando, Influência da Rádio Borborema no Desenvolvimento Socio-Cultural de Campina Grande - Anuário de Campina Grande, pag. 71.



### CONCLUSÃO

Ao final do trabalho tem-se consciência de que não se deve criticar o Rádio pelo Rádio. A censura não será conseqüente se vir como necessariamente negativo um veículo de comunicação por estar nas mãos dos grupos que detêm o poder. O Rádio será instrumento de libertação ou alienação conforme o uso que dele for feito.

A Rádio Borborema, como qualquer instituição que esteja dentro do sistema produtivo - no caso era uma produção diferente - não podia fugir a regra e seu objetivo foi sempre alcançar um equilíbrio da sociedade, para que o sistema não fosse questionado.

Agora, não se pode negar o nível e qualidade da sua mensagem. Não se deve subestimar o talento, como artista, de um Fernando Silveira, Felix Araújo, Hilton Mota, Palmeira Guimarães, Epitácio Soares, Leonel Medeiros, José Orlando, Rivailda Macedo, Gil Gonçalves, Genival Lacerda.

Outro detalhe importante é que não se deve confundir o artista com a instituição a que ele está ligado, as vezes por questão de sobrevivência e não de afinidade outras. Como também não se disse durante esse estudo que o Rádio em si é uma criação de arte. O que se quis transmitir, porém, é que ele pode ser um instrumento técnico capaz de ser utilizado num momento feliz de uma criação artística.

Quem foi ouvinte da Rádio Nacional nas décadas de

40 e 50 pode sentir o tratamento refinado dado aos seus programas. Um mundo de fantasia "inundou" e contagiou as pessoas sensíveis, cuja preocupação com o belo as predispõe a uma meditação com a realidade social em que vivem.

A Rádio Borborema dentro das limitações humanas e materiais, ou da influência natural que o meio exerceu, cumpriu sua missão cultural a que Ferando Silveira se referiu.

Quanto ao trabalho monográfico, o capítulo que tem a Borborema como tem central - o terceiro - poderá ter frustrado as pessoas que esperavam uma narração do dia-a-dia da emissora: o que não aconteceu pelo tempo e espaços disponíveis, como também pelo tipo de trabalho proposto.

Finalizando, o autor reconhece que o mérito do trabalho está mais no acervo bibliográfico que foi levado a consultar do que propriamente no conteúdo do trabalho que acaba de produzir.



BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Wellington e Octávio José - Uma Cidade de Quatro Séculos - João Pessoa - Edição Governo do Estado da Paraíba, 1985.
- CAPARELLI, Sérgio, Comunicação de Massa Sem Massa. 3ª Edição - São Paulo, Summus, 1986.
- Diário de Pernambuco - Caderno Especial - Rádio Clube 65 anos, 100 quilowatts - Recife, 19/07/1984.
- Diário da Borborema - Revista TUDO Nº 465 08/12/1984.
- Depoimento ao Autor e Gabmar Cavalcanti - Radialista Palmeira Guimarães - Jornalista Epitácio Soares - Sr. Jovelino Farias - O Gaucho - Proprietário do primeiro serviço de Alto-Falante de Campina Grande - Pb.
- Enciclopédia Mirador Internacional - Volume 17.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita - História da Comunicação Rádio e TV no Brasil - Petrópolis - Vozes - 1982.
- GOLDFEDER, Miriam - Por Trás das Ondas da Rádio Nacional - Rio de Janeiro - Paz e Terra, 1980.
- LAGO, Mário - Bagaço de Beira - Estada, Rio de Janeiro - Civilização Brasileira, 1977.
- \_\_\_\_\_ Na Rolança do Tempo, Rio de Janeiro - Civilização Brasileira, 1976.

- MORAES, Antônio Pereira - Vi, Ouví e Senti - Campina Grande, 1985.
- M. RASENTAL e P. Iudim - Pequeno Dicionário Filosófico. Trad. de Guarani Galho e Rudy Margherito. Liv. Exp. do Livro.
- MESQUITA, Humberto - Tupi, a Greve da Fome - São Paulo, Cortez - 1982.
- MOYSÉS, José - A Rádio Borborema nos Anos Cinquenta. Série de 12 artigos publicados no Diário da Borborema de 05.06.86 a 19.11.86.
- SAROLDI, Luiz Carlos & Marques, Sônia Virgínia - Rádio Nacional - O Brasil em Sintonia - Rio de Janeiro - FUNARTE - 1984.
- SILVA, Carlos - Eduardó Lins da - Muito Além do Jardim Botânico - São Paulo - Summus - 1985.
- SILVEIRA, Fernando - Influência da Rádio Borborema no Desenvolvimento Sócio-Cultural de Campina Grande - Anuário de Campina Grande - 1981.
- SYLVESTE, Josué - Lutas de Vida e de Morte - fatos e personagens da História de Campina Grande - Brasília - Senado Federal, 1983.
- REVISTA "Rádio Nacional: 20 anos de Liderança" a serviço do Brasil" Rio de Janeiro - Rádio Nacional - 1956.



A N E X O 1

NOMES QUE MARCARAM ÉPOCA NA RÁDIO BORBOREMA NOS

ANOS 50

- LOCUTORES E RADIADORES:

Fernando Silveira - Hilton Mota - Leonel Medeiros, Palmeira Guimarães - Rosil Cavalcante - Eraldo Cesar - Maria Mendes - César Brasil - José Bezerra - Gil Gonçalves - Barros de Alencar - Sônia Maria - José Moyses - Genésio de Sousa - Ednaldo Barreto - Deodato Borges - Benjamim Bley - Joel Carlos - Juracy Palhano - Amauri Capipa - Ari Rodrigues - Antônio Borges - Ramalho Filho - Cascudo Rodrigues - Nair Belo - Nilsa Belo - Ariosto Sales - Temistocles Maciel - Silvinha de Alencar - Humberto de Campos - Mivaldo Pelinca - Pinto Lopes - Janete Alves - Aiã Lucena.

CANTORES E MÚSICOS:

MAESTRO - Alencar e Nilo Lima

MÚSICOS - Arnóbio Araújo - Ogígio Cavalcante - Júlio de Bondolin - Neno da Manola - Abdias - Jaime Seixas - Arlindo do Pinston - Hermany Capiba (pianista) - Zé Belan e Dorimar (pistonista) - Geraldo da bateria - Paulo do Pandei-ro - Pedrinho - Zé Maria - Viôlão - Quincas - Amaral - (contra baixo) - Cláudio Xavier - Acordeon, Zé Calixto - Fala 8 baixos



CANTORES E CANTORAS:

José Orlando - José Otoni - Rivailda Macedo - Dina de Almeida - Maria das Neves - Maria do Carmo - Marinês - Linda Rodrigues - Genival Lacerda - Vicente Andrade - Silvina de Alencar - Inês de Holanda - George França - Horácio Orlando Bacanaço - Orlando Vilarim - Giselda Moreira - Gilson Reis - José Cassimino - Sônia Maria - Aline Silva - Jelba Medeiros - Rejane Maria - Nelson Roberto - José Gonçalves e Cícero Bernardo (repentista).

PRODUTORES E RADIOJORNALISMO:

Fernando Silveira - Deodato Borges - Palmeira Guimarães - Epitácio Soares - Felix Araújo - Osmario lacert - Boanerjes Pessoa - Ramalho Filho - Rosil Cavaleante - Genésio de Sousa - Nilo Tavares.

A N E X O 2



NOMES INTERNACIONAIS:

Frei Mojica - Josephine Baker - Augustin Lara e sua Orquestra - Violonista Cigano, o Jeorge Boulanger - Jaqueline Roland - Dr. Alfonso Ortis Tirado - Bievenido Granda - Orquestra feminino do México - Orquestra Espetáculo Cassino de Sevilha - EL Cubanita - Esther de Abreu - Ernesto Bonino.

NOMES NACIONAIS:

Indios Tabajaras - Orlando Silva - Augusto Calheiros - Vicente Celestino - Luiz Gonzaga - Ze Gonzaga - Linda Batista - Dircinha Batista - Carlos Galhardo - Gilberto Alves - Izaurinha Garcia - Mário Genari Filho - Sivuça - João Dias - Nelon Gonçalves - Hebe Camargo - Jorge Veiga - Venâncio e Corumba - Jararaca e Ratinho - Prof. Mascarenhas e Alunas - Dorival Cayme - Ademilde Fonseca - Carmelia Alves - Luis Vieira - Dilu Melo - Pedro Raimundo - Angela Maria - Doris Monteiro - Dalva de Oliveira - Trio de Ouro - Trio Nagô - Trio Irakintan - Carlos Matos - Adelaide Chiozzo - CylFarney - Eliana - Cauby Peixoto - Ataulfo Alves e suas Pastoras - Nora Ney - Jorge Gulart - Maisa - Ari Barroso e Orquestra - Orquestra de Severino Araújo - Emilinha Borba - Gurdurinha - (cantor e humorista) - E Brandão Filho - Rodolfo Mayer (ator) - Roberto Silva.

PRINCIPAIS PROGRAMAS:

A Voz dos Municípios - Retalhos do Sertão Aquarela do Sertão - A Escolinha do Nicolau - Clube Papai Noel - Forró de Zé Lagoa - A Cidade se Diverte - Jornal Falando das 22 horas - Crônica da Aia - Carrocel - A Semana em Revista - Novela das 19:30 hs Serapião e Faustina - Faça do Livro seu Melhor Amigo - Domingo Alegre - Vespera da Moças - Encontro com o Passado - O Céu é o Limite.

PARTE TÉCNICA: José Cavalcante - Ronaldo Eloy - Baba (eletricista) - Pedrinho (contra regra)

PARTE ADMINISTRATIVA:

- Gerentes Nelson Dimas

João Gusmão Bastos

- Contador: Niltides Vieira



## ERRATA

- Pag. 8 onde se lê Drumont leia-se drummond
- Pag. 8 onde se lê well leia-se wells
- Pag. 11 onde se lê Hersogi, leia-se Herzog
- Pag. 11 onde se lê empedido, leia-se emperdenido
- Pag. 11 onde se lê Meluham, leia-se Mcluham
- Pag. 11 onde se lê no início considera", leia-se  
no início foi considerada".
- Pag. 12 onde se lê bases, leia-se base.
- Pag. 12 onde se lê rododifusão, leia-se rádiodifusão
- Pag. 12 onde se lê Rotterdam, leia-se Rotterdam
- Pag. 17 onde se lê Rediodifusão, leia-se Radiodifusão
- Pag. 19 onde se lê frazeirosamente, leia- prazeirosamente
- Pag. 19 onde se lê voltusos, leia-se vultosos
- Pag. 19 onde se lê as transmissões precárias, leia-se  
as transmissões eram precárias
- Pag. 19 onde se lê Einsteins, leia-se Einstein
- Pag. 19 onde se lê pel , leia-se pela
- Pag. 21 onde se lê ... em 1940 quando passou a fazer parte  
das empresas, leia-se ...a fazer par  
te das empresas
- Pag. 21 onde se lê Genattali, leia-se Gnattali
- Pag. 22 onde se lê realmente apresentasse, leia-se realmen  
te aprendessem
- Pag. 22 onde se lê rítimo, leia-se ritmo
- Pag. 22 onde se lê Chateaubrind, leia-se Chateaubriand
- Pag. 26 onde se lê campinese, leia-se campinense

Pag. 28 onde se lê outras, leia-se outra

Pag. 30 onde se lê Chateaubrind, leia-se Chateaubriand

Pag. 31 onde se lê pressões, leia-se pressões

pag. 31 onde se lê Chateaubrind, leia-se Chateaubriand

pag. 34 onde se lê Aquarala, leia-se Aquarela

pag. 40 onde se lê RASENTAL, leia-se ROSENTAL